

homenagem

A MORTE DE RICARDO BRENTANI, PIONEIRO NA PESQUISA DO CÂNCER NO BRASIL, DEIXA ÓRFÃ A ONCOLOGIA PÁTRIA

Pesquisa, bom humor e saúde

Em 1985, a revista *Science* publicou artigo destinado a se tornar referência na pesquisa em oncologia, sendo citado cerca de 300 vezes em outros trabalhos acadêmicos semelhantes: pela primeira vez, demonstrava-se como a bactéria *Staphylococcus aureus* saía da circulação sanguínea e provocava infecções em outras partes do organismo. A descoberta permitiu constatar que outras bactérias, além de protozoários patogênicos, também agiam de maneira semelhante. O artigo seminal foi resultado de pesquisas do início da carreira de Ricardo Renzo Brentani, já preocupado com a estrutura e atividade do ácido ribonucleico, então um campo novo da ciência.

O estudo, publicado em parceria com José Daniel Lopes, abriu caminho para novas estratégias de drogas antimicrobianas e quimioterápicas. Brentani, que concluiu sua graduação na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1962, seria descrito como “uma revolução na área de oncologia”, nas palavras de Riad Younes, seu ex-aluno e atual professor da FMUSP. A trajetória de Brentani como pesquisador, professor e gestor é difícil de resumir. Mas, além do rigor acadêmico, todos os que tiveram o privilégio de trabalhar com ele sabem que o médico costumava pôr o coração em tudo o que fazia. Foi justamente por isso que muitos de seus admiradores, alunos e pacientes procuraram encontrar algum con-



Foto: Eduardo Cesar/Fapesp

solo na coerência do destino ao escolher uma forma de privar o mundo do gênio do mestre: no dia 29 de novembro de 2011, aos 74 anos, o carismático Ricardo Brentani morria vítima de um infarto.

Nascido na Itália, em 1937, Brentani cursou o secundário no Instituto Mackenzie do final dos anos 1940 até 1955, quando o país e o mundo viviam o novo momento que trouxera para o Brasil a família do futuro diretor-presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). No final do politicamente conturbado ano de 1966, ele já se doutorava pelo Departamento de Química Fisiológica e Fisiológica da FMUSP.

“Ele deu início à carreira de oncologia na época em que o conceito era muito novo e nem sempre aceito na comunidade médica e universitária”

RENATA PASQUALINI, pesquisadora do Centro de Câncer M. D. Anderson, Universidade do Texas

Basta olhar para trás e ver que, quase cinco décadas de carreira depois, a trajetória de Ricardo Brentani foi saudavelmente irrequieta: produziu mais de 150 artigos científicos em revistas internacionais – algo que parecia natural para o homem que, já no terceiro ano de graduação, assinara artigo na revista *Nature* sobre a atividade de uma enzima, a ribonuclease, junto com o prestigiado pesquisador Michel Rabinovitch. O jovem Brentani não pararia mais de ajudar na produção científica, e de seu compartilhamento, sua sagrada obstinação, uma vez que ele não se recusava a falar de nada, “nem de Deus”, como garantiu recentemente à revista *Onco&*.

“O Brentani é um pesquisador que pertence a uma categoria rara. Em vez de se enterrar num mesmo assunto a carreira inteira, como faz a maioria, teve a capacidade de descobrir problemas originais diversos para estudar e envolveu alunos e assistentes na busca por respostas”, disse, em 2007, à revista *Pesquisa Fapesp*, Isaias Raw, orientador do oncologista em sua tese de doutorado. A vida trouxe muitas conquistas profissionais a Brentani. Duas, porém, são inegavelmente notáveis: o desenvolvimento do projeto Genoma Humano do Câncer, financiado pela Fapesp e pelo Instituto Ludwig, que sequenciou 20 tipos de tumor e ajudou a pôr o Brasil em destaque na ciência mundial; e a

condução do Hospital A.C. Camargo a uma posição de referência em câncer no País.

Nos dias que antecederam sua morte, Brentani não dava sinais de que gostaria de aposentar sua disposição à pesquisa, mesmo que já fosse professor emérito de sua querida Fmusp, presidente da Fundação Antônio Prudente, que mantém o Hospital A.C. Camargo, e coordenador do Centro Antônio Prudente para Pesquisa e Tratamento do Câncer, um dos centros de pesquisa da Fapesp. Tal vontade de trabalhar foi reafirmada por Renata Pasqualini, pesquisadora do centro de câncer M.D. Anderson, da Universidade do Texas, em Houston, à revista *Carta Capital*: “Estamos chocados. Havíamos, após dar uma aula, passado o dia em uma reunião com ele no A.C. Camargo. Ele estava tão contente, cheio de vida. Não conseguimos acreditar que isso tenha acontecido”. Riad Younes é outro que, na mesma revista, deu testemunho do dinamismo de um dos pioneiros da pesquisa de câncer no Brasil: “Brentani faleceu em plena atividade, estava a todo o vapor graças às novas pesquisas. É muito triste”.

Mas o bem-humorado Brentani nunca teve lá muito tempo para ela, a tristeza. O médico tornou-se pioneiro no campo da oncologia no país. Por exemplo, foi o primeiro professor de Oncologia da Universidade de São Paulo (USP). E o pioneirismo exige sacrifícios. “Ele deu início à carreira de oncologia na época em que o conceito era muito novo e nem sempre aceito na comunidade médica e universitária. Seus esforços tornaram possível a grande capacidade instalada que temos hoje na área e foi o embrião de tudo o que estamos vendo na USP em relação à pesquisa sobre o câncer”, disse o diretor-geral do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp), Paulo Hoff, à *Agência Fapesp* quando Ricardo Brentani recebeu o prêmio *Octavio Frias de Oliveira*, na categoria “Personalidade de Destaque”, promovido pelo Icesp e o Grupo Folha, em agosto deste ano.

Admirador da mãe e da esposa, crente em “uma força superior que criou o universo”, Ricardo Brentani ao completar 70 anos, oficialmente aposentado (e apenas isso: oficialmente) e longe de seus laboratórios, mais uma vez não se queixou do próprio destino. Disse que não brigaria com sua cria, os alunos, que apenas daria palpites e que seguiria se divertindo. Foi o que fez, como se deduz do “causo” que contou à revista *Onco&*: “Outro dia estava conversando com um amigo, dizendo que eu estava ficando velho. Ele perguntou: ‘Mas você ainda fica bravo quando a revista recusa um artigo seu ou só seus alunos ficam?’. Respondi que sim. ‘Ah, então você não está velho!’”

Adeus, professor. Seu bom humor fará falta, mas seu exemplo fica com os pesquisadores e alunos que inspirou. I